

A morte dos ungidos

VAMIREH CHACON

O povo distingue os seus. Foi Joaquim Nabuco quem disse: "O povo perdoa os que são parecidos com ele".

Os mortos, ungidos com o voto popular, são por ele confirmados até o último momento. Morte de nomeados é outra coisa. Podem, inclusive, ser ótimos sujeitos e fazer muita coisa boa, mas o povo, quando o recebe, não foi por sua iniciativa, pouco tem a ver com isto.

A Nação brasileira voltou a pronunciar-se. Ela demora, porque há séculos se vê impedida sob vários pretextos, porém, mais tarde ou mais cedo, acaba falando. Não falta. Voltou a pronunciar-se em massa agora, como no ano passado, a propósito da campanha das diretas já. Será crescentemente difícil reprimi-lo numa sociedade urbana e industrial.

As lideranças renovadoras irão se sucedendo, de orfandade em orfandade superada. Morreu Getúlio Vargas, quando o suicidaram por muitíssimo menos que a Nação veria depois estarecida. Morreu Juscelino Kubitschek ainda cassado, por temores que retornasse. Morreram San Thiago Dantas, no semi-ostracismo, e Petrônio Portella em plena ascensão rumo à redemocratização. E agora parte Tancredo Neves.

O presidente José Sarney, na sua primeira fala como titular, referiu-se à reforma agrária com destaque. Esta palavra era das proibidas até há pouco. Vamos ver o que acontece com a coisa em si. A Igreja foi que mais insistiu nela e não vai parar. Na realidade, o receio sempre exagerou. A reforma consistirá, na melhor das hipóteses agora, em modernização da agricultura com multiplicação de pequenos e médios proprietários, ao lado de grandes propriedades para outros tipos de cultivos mais mecanizados.

Outros desafios virão. A Nação vai deixando de manipular-se. Quem viver verá.